

Mary Del Priore (Org.)

HISTÓRIA DOS JOVENS NO BRASIL

Sumário

Prefácio – História dos jovens no Brasil	7
<i>Mary Del Priore</i>	
Capítulo 1. Juventudes no Brasil colonial: tensões e resistências	13
<i>João Eudes do Nascimento Alves</i>	
Capítulo 2. Jovens e escravidões no Brasil	51
<i>Jonis Freire</i>	
Capítulo 3. Juventude dos filhos do imperador D. Pedro I: educação numa gaiola dourada	81
<i>Paulo de Assunção</i>	
Capítulo 4. Alice Clapp, uma adolescente no movimento abolicionista	121
<i>Miriam Zanutti</i>	
Capítulo 5. Jovens imigrantes e jovens descendentes: presença, trajetórias e vivências no Brasil (século XIX-século XXI)	153
<i>Ana Silvia Volpi Scott e Maria Silvia C. B. Bassanezi</i>	

Capítulo 6. Notas sobre a sexualidade e adolescência do Império à República	187
<i>Mary Del Priore</i>	
Capítulo 7. Esporte: coisa de mocidade, coisa de juventude.	207
<i>Victor Andrade de Melo</i>	
Capítulo 8. História da juventude militar brasileira: a longa permanência das tensões entre o “ser adulto” e “ser jovem” dos alunos dos cursos de formação de oficiais do Exército brasileiro (1890-1970)	235
<i>Fernando da Silva Rodrigues e Fabio da Silva Pereira</i>	
Capítulo 9. Juventude comunista: o proletariado do amanhã (1927-1947)	271
<i>Jayme Fernandes Ribeiro e Vivian Zampa</i>	
Capítulo 10. Juventude e música	307
<i>Marcos Napolitano</i>	
Capítulo 11. Histórias em quadrinhos e juventude	341
<i>Savio Queiroz Lima</i>	
Capítulo 12. Juventude e rebeldia: notas sobre a geração brasileira de 1968	373
<i>Adrianna Setemy e Cláudia Mesquita</i>	
Capítulo 13. A educação do jovem afro-brasileiro e o trabalho técnico de nível médio	395
<i>Fabiana Costa</i>	
Capítulo 14. Jovens homossexuais: a homofobia estrutural na biografia de três jovens gays contemporâneos	427
<i>Luiz Mott</i>	
Capítulo 15. Jovens nos arquivos	467
<i>Renato Venancio</i>	
Sobre os autores	489



Prefácio

História dos jovens no Brasil

Mary Del Priore

O Brasil é um país de jovens? Era até pouco tempo atrás. O século XX lhes deu visibilidade e, ao mesmo tempo, produziu a impressão de que a juventude sempre existiu. E de que ela seria eterna... Mas não é: a juventude é uma idade social e historicamente determinada, condicionada por fatores evolutivos e condição social de cada jovem. Ela é também um dado biológico que transcende, vertical e horizontalmente, épocas e culturas. Prova disso é a entrada na puberdade. No século XVIII, ela se dava aos 16 ou 17 anos; no início dos anos 1900, aos 15 anos; hoje, aos 12 anos; e a tendência é a idade decrescer.

Atualmente, o lugar dos jovens em nossa sociedade e a representação que os adultos fazem deles nos permitem compreender nossa relação com a passagem do tempo e o ritmo das estações da vida. No entanto, durante séculos, a existência da juventude sequer era notada: escravizadas ou trabalhadoras prematuras, crianças pobres passavam diretamente da infância à vida adulta. É certo que havia algumas cerimônias que marcavam os diferentes tempos na vida delas (como no caso do quicumbi, ritual de circuncisão de afro-brasileiros ou afro-mestiços, herdado de

nações africanas), mas era corriqueira a integração precoce de crianças ao mundo do trabalho. Tempos depois, ao lermos os memorialistas dos anos 1920 e 1930, percebemos que a iniciação sexual se tornou o paradigma incontornável para marcar a entrada da criança na puberdade: rapazes deveriam se mostrar viris e fortes, e as jovens moças, estar prontas para se casarem. Esses exemplos demonstram que não falar da juventude não significa que não haja ritos de passagem.

A partir da década de 1940, os jovens já gozavam de autonomia e viviam sociabilidades específicas dessa fase. Entre a elite, por exemplo, a palavra “adolescente”, existente desde o século XVI, passou a designar a juventude burguesa. Uma juventude que multiplicou as ofertas de uma cultura assentada sobre condições econômicas e expandiu o mercado a ela destinado: o dos festivais de música, o das telas e televisões, o das revistas, o do esporte, o da moda, o da droga, entre outras atividades. Na base da pirâmide econômica, entretanto, outros jovens continuaram a lutar contra a desigualdade, o racismo, a precariedade de oportunidades, as dificuldades de acesso à educação. Sim, existem juventudes socialmente desiguais e, segundo a pertença social, elas são pensadas e vividas diferentemente. E tais diferenças são tratadas com excepcional cuidado por historiadoras e historiadores neste livro.

Sobre o período colonial, em “Juventudes no Brasil colonial”, João Eudes do Nascimento Alves analisa o descontentamento de autoridades públicas ou privadas com o comportamento dos jovens, notadamente os estudantes. De forma pioneira, o autor ilumina o tema da rebeldia juvenil e do desrespeito às prerrogativas do pátrio poder, como a escolha da profissão ou do cônjuge. Jovens de ambos os sexos resistiram, burlaram, improvisaram, fugiram e empreenderam novos ofícios. Para eles, a obediência cega aos pais era uma regra a ser contornada.

Em “Jovens e escravidões no Brasil”, Jonis Freire nos conduz ao universo do cativo, em que características como vigor físico, longevidade, rentabilidade e produtividade eram requeridas, sobretudo, dos escravizados jovens. A exploração da força de trabalho desses rapazes e dessas moças em diferentes regiões econômicas (as da cana-de-açúcar, da mineração, do café e das cidades); a identificação deles como

“moleques”, “molecotes”, “crioulinhas”, “negrinhas”, revelando as formas como a sociedade percebia esses jovens cativos; o desempenho cotidiano deles nas variadas formas de trabalho ou ofício; as formas de resistência que empregavam; todas essas situações desenham o retrato pungente do nefando sistema escravista que os aprisionou.

Em “Juventude dos filhos do imperador D. Pedro I”, Paulo de Assunção nos leva para o interior do Palácio de São Cristóvão, sede do Primeiro Reinado, e nos apresenta em detalhes a trajetória dos cinco filhos sobreviventes do casal de imperantes D. Pedro I e Leopoldina: Maria da Glória (futura rainha D. Maria II de Portugal), Januária, Francisca, a frágil Maria Amélia, além de D. Pedro II. O autor examina com extremo cuidado as vidas desses jovens, revelando os estudos a que se dedicaram, os matrimônios que enlaçaram e, sobretudo, a falta de afeto com que viveram em uma gaiola de ouro: as armadilhas da Coroa os transformaram em “almas aprisionadas” e sem a desejada liberdade que tinham crianças e jovens de classes menos favorecidas.

Miriam Zanutti traz à luz a raríssima biografia de uma jovem abolicionista em “Alice, Clapp, uma adolescente no movimento abolicionista”. Filha do conhecido João Clapp, membro da Confederação Abolicionista, desde cedo Alice escreveu, traduziu, cantou e tocou piano a serviço da causa mais nobre de sua época: a luta abolicionista. Precocemente falecida, deixou rastros que a autora seguiu para dela fazer um retrato.

Especialistas sobre o tema, Ana Silvia Volpi Scott e Maria Sílvia C. B. Bassanezi, em “Jovens imigrantes e jovens descendentes”, trazem à tona a vivência de jovens que, aos 12 anos de idade, já eram considerados “adultos” e vistos tanto nas fazendas com a enxada sobre o ombro como nas capitais industriais atrás das máquinas. Rapazes também eram empregados em trabalhos de ruas, e as meninas, encaminhadas para o trabalho doméstico ou no pequeno comércio. Importante era acreditar que “com trabalho e perseverança tudo se alcança”. O que mudou e como sobrevivem hoje os jovens imigrantes?

Em “Notas sobre a sexualidade e adolescência do Império à República”, traço um amplo retrato da construção de papéis sociais de jovens homens e mulheres e a descoberta de sua sexualidade em botão. Procuo

mostrar não apenas como os jovens eram vistos, mas também como eles se descobriam jovens.

Em “Esporte: coisa da mocidade, coisa da juventude”, Victor Andrade de Melo aponta os eventos que levaram os jovens brasileiros “raquíticos e balofos” às quadras, raias e praias: o aparecimento dos clubes e das provas atléticas transformaram o esporte em espetáculo urbano. No século XX brasileiro, o futebol e o surfe ajudaram, de forma diferenciada, a definir o que era ser moço e jovem na sociedade de consumo.

Em “História da juventude militar brasileira”, Fernando da Silva Rodrigues e Fabio da Silva Pereira demonstram que a participação do Brasil nas duas grandes guerras revelou a necessidade de aprofundar a reorganização e a modernização do Exército brasileiro e de educar jovens cadetes de maneira profissional.

Jayme Fernandes Ribeiro e Vivian Zampa abordam em “Juventude comunista” o nascimento da “juventude revolucionária” que sonhava mudar o mundo. Entre 1920 e 1940, nasceram os primeiros diretórios nos centros acadêmicos e a Federação da Juventude Comunista do Brasil, base para a luta por melhores condições de vida daquele que seria o proletariado de amanhã.

O capítulo “Juventude e música”, de Marcos Napolitano, apresenta as novas visões de mundo e os padrões de comportamento que, a partir dos anos 1950, surgiram no país embalados pela música, especialmente pelo *rock'n'roll*. Nascia com essa geração uma indústria cultural voltada para jovens. As décadas seguintes conheceram a Jovem Guarda, a Tropicália e a MPB com um leque de produções que significavam diferentemente “choques estéticos”, “manifesto comportamental” ou “cultura da resistência”. E, ao som de vários sucessos, o autor nos faz chegar às “tribos dos anos 1980” e ao *rap* da periferia, cuja voz canta a opressão do sistema, a exclusão e a violência. Uma viagem no tempo, mas, sobretudo, uma demonstração de que, em meio século, a noção de “juventude” ganhou diferentes sentidos e se popularizou na cultura de massa, na política, na sociologia, na psicologia, entre outras áreas, e a música foi a partitura sobre a qual essa história foi escrita.

Outra fonte de reflexão é o capítulo “Histórias em quadrinhos e juventude”, de Savio Queiroz Lima. Ao seguir o fio que vai do aparecimento das primeiras caricaturas de Angelo Agostini e Henrique Fleiuss ao *Tico-Tico*, do *Pato Donald* aos romances cor de rosa de *Grande Hotel* e *Capricho*, desses aos *fanzines*, ao *Pasquim* ou às *graphic novels*, e dos animais humanizados aos super-heróis, o autor avalia como os jovens não apenas riram e se divertiram com quadrinhos, mas também foram cerceados e vigiados, pois a cultura dos quadrinhos registrou mudanças e permanências do controle sobre nossos jovens ao longo do tempo.

Em “Juventude e rebeldia”, Adrianna Setemy e Cláudia Mesquita descortinam o tema da rebeldia antes, durante e depois dos anos de chumbo. Da influência de movimentos internacionais ao engajamento político na resistência, das revistas de grande circulação aos textos de teatro e festivais da canção, passando pelo chamado “desbunde”, ou seja, a contrapartida dos que não se exilaram (ou foram exilados) nem pegaram em armas contra a ditadura, a “combustão dos espíritos jovens” estava presente. Uma série de depoimentos de intelectuais e artistas ativos na época revela a nostalgia de uma juventude rebelde.

Em um texto engajado e autobiográfico, “A educação do jovem afro-brasileiro e o trabalho técnico de nível médio”, Fabiana Costa demonstra com pertinência como grande parte dos jovens afro-brasileiros sofre a dificuldade prematura de se autoafirmar dentro da sociedade por causa da cor de pele, da ascendência e dos estigmas carregados desde os primórdios da história do país. Costa aponta também a história de superação de muitos protagonistas que cursaram o ensino técnico e venceram o racismo e a desigualdade, a começar por Machado de Assis.

Em “Jovens homossexuais”, um ensaio inédito de ego-história, o sempre corajoso e pioneiro ativista Luiz Mott revela a história de três jovens gays (inclusive a dele), acompanhando a luta deles contra a violência e o preconceito e os caminhos de superação e afirmação de suas identidades. Como bem diz o autor:

Todo mundo nasceu para ser feliz. É preciso ter muita coragem para enfrentar a barra de ser *gay*, transexual ou lésbica neste mundo em que a maioria das pessoas ainda considera os LGBT como seres inferiores. Vale a pena insistir: nós é que estamos certos, os homotransfóbicos, aqueles que discriminam, é que estão errados.

Contudo, para leitoras e leitores que desejam aprofundar os conhecimentos sobre a história dos jovens no passado, “Jovens nos arquivos”, de Renato Venancio, é um texto essencial. O autor nos toma pela mão e nos faz conhecer fundos e coleções em que o tema da juventude se esconde ou se exhibe. Nos arquivos públicos ou privados, é preciso um minucioso trabalho de investigação para não cair em armadilhas da diversidade de fontes. Mas os testemunhos de vidas jovens estão à espera daqueles que desejam descortinar as experiências de nossos antepassados quando jovens.

Em *História dos jovens no Brasil*, voltamos ao passado para melhor compreendermos nosso tempo e a sociedade de que somos parte, produto e testemunho. E o passado é fundamental. Raízes, heranças e permanência estão lá. Nosso presente é cego quando ele se quer independente e detentor de “autointeligibilidade”, como alertava o historiador francês Marc Bloch. Não podemos nunca imaginar que escravidão, repressão, ditadura e cultura de massas não tenham nada a ver com a contemporaneidade. Pelo contrário: elas demonstram que nossa “modernidade” é habitada pela recorrência não apenas de problemas e diagnósticos, mas também de soluções que nos foram legadas. Para entendermos e caminharmos ao lado dos jovens de hoje, ouçamos os jovens do passado.